

A importância das crianças para o nosso futuro

Desde o início dos tempos tudo se resumia em crianças, vendo que isso era quase que indispensável, mesmo se tratando dos assuntos dos grandes mestres reis e províncias sempre tinha alguém se preocupando com o fato. Quem será meu sucessor? Quem será meu herdeiro? Quem será nosso próximo rei? E isso abriu discussões diversas para a sociedade humana no quanto é importante a crianças para a nova geração de presidentes de pais e filhos em tudo que diz respeito, hoje os conceitos básicos que aprendemos, é que crianças são os próximos depois de nós e assim sucessivamente...

sinopse

“Todos pensamos em deixar um planeta melhor para nossos filhos... Quando isso nos ocorrerá, pensar em deixar filhos melhores para o futuro do nosso planeta?”

A educação que se recebe em casa é o que determina as atitudes e as posturas dos filhos frente ao mundo. Uma criança que aprende o respeito e valores dentro de casa, através do exemplo de seus pais, crescerá e se tornará um adulto comprometido em todos os aspectos, inclusive no respeito ao nosso planeta. A educação das crianças cada dia está sendo levadas a

sério pelas creches, escolas, avós, irmãos mais velhos, companheiros do colégio e do pátio, além dos meios de comunicação.

Caros amigos leitores somos alvos da pobreza e da desigualdade constante em nosso país e isso tem atingido principalmente as nossas crianças precisamos nos apressar, Promover o desenvolvimento sustentável significa conciliar o desenvolvimento econômico com a preservação ambiental e o fim da pobreza. Em outras palavras, todos precisam gerar riquezas com o objetivo de distribuí-las do modo equilibrado, a fim de melhorar a qualidade de vida de todos, mas levando em conta a qualidade ambiental do Planeta.

Ao criar o mundo, Deus nos presenteou com uma diversidade de recursos naturais, que poderiam ser usados, mas que também teriam de ser preservados. No entanto, durante muito tempo, em nome do progresso e do desenvolvimento econômico, o homem usou e abusou desses recursos naturais. Consequentemente, eles foram se esgotando.

As metas do desenvolvimento sustentável são estas: satisfação das necessidades básicas da população,

solidariedade para com as gerações futuras, preservação dos recursos naturais, elaboração de um sistema social que garanta emprego, segurança social e respeito a outras culturas, programas educativos e participação de cada um de nós nessa preservação.

Mais como despertar uma consciência ecológica nas nossas crianças, e nos nossos filhos?

- Em primeiro lugar, dando exemplo dentro de casa, quanto à economia de energia, água, papel, evitando toda forma de desperdício.
- Quando forem passear com eles, levar sempre sacos de lixo, e não jogar lixo em qualquer lugar. Se morarem em prédios, condomínios, realizarem gincanas de limpeza, dando às crianças essa responsabilidade, munindo-as de luvas, sacos de lixo e premiação quanto à limpeza. Crianças gostam de responsabilidades e desafios.

Verificar se na escola do seu filho, são desenvolvidos projetos ambientais e consciência ecológica. Caso não haja esse tipo de ação, sugerir e se engajar no projeto. Locar filmes que tenham como foco a preservação do meio ambiente, Incluir na leitura dos seus pequenos livros que incentivam a preservação do meio ambiente.

Se realmente queremos deixar um mundo melhor para nossos filhos, a melhor coisa a fazermos é formar nas

nossas crianças uma consciência ecológica desde cedo.
Nosso planeta agradece

Em um poema (João Albuquerque disse)

SER CRIANÇA...

**Ser criança
é a lição diária na cartilha
que todo adulto
deveria aprender a ler
para sobreviver**

Você que é Pai/Mãe ou tem o desejo de ser um dia, imagine um filho. Imagine que você está com seu filho de 3 ou 4 anos assistindo “ ben 10 ” (um anime atual): Ben 10 é um garoto de 10 anos que tem um relógio que o transforma em algum tipo de alienígena, podendo assim espancar os vilões. Às vezes se transforma em um monstro vermelho musculoso de 4 braços (esse é um dos vários). Imagine uma forte cena de agressão física, algo envolvendo monstros. Neste momento seu filho pergunta: “O que é isso?”... Qual seria sua resposta?

Entenda essas coisas são o que a criança toma como verdade. Crianças imitam e praticam o que veem isso molda suas vidas. Tente controlar o que a criança vê e dê a ele o melhor, afinal, quando crescer você não terá mais controle, apenas o respeito. Dê uma boa criação, conheça e respeite seus limites cognitivos, físicos e

emocionais e seja presente principalmente na infância, isso pode gerar um belo futuro e evitar muito sofrimento ineficaz.

POREM VAI FALAR DE IDEOLOGIA SÓ PRA VOCÊ TER UMA NOÇÃO DE COMO SE SEGUE AS COISAS EM NOSSO PAÍS PRINCIPALMENTE SOBRE AS CRIANÇAS,

Um estudo da relação criança carente e livro didático.

Termina por ser também um estudo da relação criança carente e escola. O livro como um todo

No entanto se supõe que, mesmo transmitindo a ideologia dominante às crianças, a escola poderia fornecer também elementos não reprodutores do status quo, mas críticos

e até contestadores. Seria exemplo disto o ensino de princípio

de higiene e das necessidades essenciais alimentares

para a manutenção de uma boa saúde às crianças que vivem

num contexto de penúria e Assim, para as crianças dos

receberia informações críticas já no seus níveis mais elementares.

Estes ensinamentos dos programas de saúde se assimilados, poderiam conduzir a

Uma insatisfação social e pôr a risco a sua reprodução

Não que essa condicionante cruel do desenvolvimento da criança seja falsa. Há literatura farta sobre o assunto, lembra o pesquisador Francisco Soares, que tenta, em seus estudos, isolar as diferentes variáveis que influem na aprendizagem. "Sabemos que as chances de aprendizado são delimitadas socialmente. Todos podem aprender, mas os que têm famílias de maior capital cultural aprendem mais e mais rápido", diz. Os estudos vêm avançando até mesmo no Não que essa condicionante cruel do desenvolvimento da criança seja falsa. Há literatura farta sobre o assunto, lembra o pesquisador Francisco Soares, que tenta, em seus estudos, isolar as diferentes variáveis que influem na aprendizagem. "Sabemos que as chances de aprendizado são delimitadas socialmente. Todos podem aprender, mas os que têm famílias de maior capital cultural aprendem mais e mais rápido", diz. Os estudos vêm avançando até mesmo no cálculo do tamanho desse impacto. Já se sabe, segundo Soares, que, em média, apenas 15% da variação das notas dos alunos referem-se exclusivamente à influência do trabalho da escola - pensando em escolas que funcionam bem, como todas deveriam funcionar. "No Brasil, elas são tão diferentes entre si, que as notas podem variar até 45% segundo a qualidade do trabalho

da instituição", diz. Outros estudiosos, como o economista Marcelo Néri, da Fundação Getulio Vargas, atribuem até 70% do desempenho ao que os teóricos chamam de background familiar. "Isso é frustrante para quem faz política educacional, para dizer o mínimo", afirma Néri, um dos pesquisadores que se dedica à análise da inter-relação entre renda e educação no país.

Na prática, isso significa que o problema da qualidade nas instituições de ensino brasileiras é tão profundo que as limitações impostas pelo ambiente cultural são somadas à ineficiência da escola, produzindo defasagens cada vez mais difíceis de superar, na medida em que crianças e adolescentes avançam na escolaridade básica. Basta uma olhada nos números para compreender o que isso significa. Atendendo a um pedido da revista Educação, o economista Ernesto Martins Faria, editor do portal Estudando Educação, realizou uma série de cruzamentos, por critérios que permitem associar as respostas ao contexto socioeconômico, destrinchando informações dos questionários da Prova Brasil 2006 (o último com dados brutos disponíveis)

Dividindo os dados de alunos que participaram do Pisa em faixas socioeconômicas, é possível ver o profundo gap associado às condições sociais. No 5º ano do

ensino fundamental, na área de língua portuguesa, a diferença de pontuação entre a faixa mais baixa e as demais chega a 12,2 pontos, e em matemática a 13,9 pontos. No último ano do ensino fundamental, a defasagem é de 11,3 pontos, em língua portuguesa, e 14,1 pontos, em matemática. Segundo Faria, como pesquisadores estimam que a aprendizagem de um aluno ao longo de 1 ano equivale a 12 a 15 pontos na escala, os dados indicam que as crianças e jovens das classes socioeconômicas mais baixas estão cerca de um ano atrasados em relação aos colegas.

Os números são fortes, mas não o suficiente para fazer com que a questão seja atacada diretamente pelo país. Como o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro cresceu 7,5% em 2010, pode-se ter a impressão de que são demandas relativas a bolsões de pobreza, autos solucionáveis com o crescimento da economia. Segundo estudo do próprio Neri, a melhoria na renda dos mais pobres vem diminuindo o fosso social e hoje a desigualdade já está em patamares idênticos aos de 50 anos atrás, graças à ampliação do acesso à educação. Isso não significa que as conhecidas lacunas da educação podem ser esquecidas. A ampliação do acesso foi capaz de produzir as transformações levantadas por Néri, mas apenas a qualidade oferecerá ao país a possibilidade de dar o próximo salto: a qualificação para a vida em uma sociedade que requer

cada vez mais conhecimento. A educação, uma política pública de longo prazo, mais do que nunca requer urgência complexidades

Seria equivocado dizer que o país nunca enfrentou a questão da pobreza como limitador do acesso à escola. Afinal, temos o maior programa de livros didáticos do mundo, que adquiriu, apenas em 2011, 135 milhões de obras de ensino fundamental. Do mesmo modo, a fome deixou de afetar muitas crianças e jovens a partir do momento em que elas se matriculam nas escolas, com programas de merenda já consolidados - às vezes com mais de uma refeição diária. Recentemente, o Brasil criou e exportou o programa Bolsa Família, uma cesta de benefícios que incorporou iniciativas anteriores (como o Bolsa-Escola). Contudo, tais iniciativas não se mostraram capazes de alavancar a aprendizagem, até porque são políticas gerais e não focadas nas dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos alunos mais pobres. No máximo, dizem os especialistas, essa rede de suporte impede que o gap seja ainda mais profundo.

Para tornar mais igualitárias as oportunidades - um direito constitucional de todas as crianças e adolescentes - é preciso ir além. E aí começam os problemas. "É simplista dizer que a educação poderia resolver tudo. Este é um cenário complexo, que

envolve muitos fatores, mas no qual certamente a escola tem um papel a cumprir", avalia a pesquisadora Adriana Ramos, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). "Mas é preciso olhar de frente para essa realidade, e muitas vezes isso não é feito", diz. Esta preocupação deve estar expressa mais claramente nos programas de melhoria da qualidade da escola, na opinião da pesquisadora mexicana Margarita Zorrilla, membro do Grupo de Especialistas da Organização dos Estados Ibero-americanos, que estudou as políticas adotadas em quase todos os países latino-americanos. "O propósito de reformar os sistemas educativos significa mudar a educação escolar para que seja de melhor qualidade e esteja orientada de maneira decisiva para a equidade na distribuição de oportunidades para aprender", diz. Ninguém diz que essa é uma tarefa simples, tampouco que possa ser executada sozinha pela escola. "Mas a escola é o centro das mudanças", diz Margarita.

Para o educador Vasco Moretto, trata-se de uma questão central da cidadania e para a cidadania. "Cada escola não tem outro caminho a não ser focar seu trabalho na educação para a cidadania, envolver a família e a comunidade, e compreender que as demandas são mesmo complexas", diz. Em alguns casos, essa complexidade pode ser exemplificada em números extraídos dos questionários da Prova Brasil e

do Pisa. No Pisa se verá, por exemplo, que 25% dos jovens de 15 anos das famílias de menor escolaridade não vivem com as suas mães. Na Prova Brasil, 10,5% das crianças do 5º ano do ensino fundamental de menor contexto econômico estão no mesmo caso. Mas há outros fatores, que são conhecidos, mas não entendidos a fundo na educação.

Um relatório do Unicef publicado em abril evidenciou o quanto as crianças são afetadas pela violência. O texto sugere que 96% dos casos de violência física e 64% dos casos de abuso sexual contra crianças de até 6 anos são cometidos por familiares. Quando se fala dos adolescentes, o problema é igualmente grave, com 81 mil mortes violentas em um ano. O estudo conclui que as políticas públicas brasileiras voltadas para essa população são insuficientes. "É o grupo etário mais vulnerável a riscos como o desemprego e subemprego, a violência, a degradação ambiental e redução dos níveis de qualidade de vida", diz o relatório. Some-se a esse quadro a falta de higiene, com muitos adultos dividindo o mesmo espaço físico de um único cômodo, em habitações de chão batido, sem acesso à água limpa. Nesse contexto social, segundo os dados do MEC, quase 60% das crianças não têm uma mesa para estudar ou fazer lições de casa. Separar questões como essas, por exemplo, do altíssimo absenteísmo verificado nas escolas é impossível soluções

Mas o que é possível fazer? Para os especialistas, há três níveis de ação: o primeiro refere-se ao campo dos gestores dos sistemas públicos de ensino, em âmbito federal, estadual e municipal; o segundo é o da escola e o terceiro refere-se diretamente ao trabalho do professor. No primeiro caso, é preciso reconhecer a demanda e desenvolver políticas Inter setoriais para o enfrentamento dos problemas educacionais ligados à pobreza.

O caso do programa Bolsa Família é um exemplo típico: a contrapartida para que as famílias recebam o auxílio é a frequência à escola. É preciso que alunos de 6 a 15 anos comprovem frequência de 85% das aulas e os de 16 e 17, 75%, no mínimo. Não há nenhum objetivo acadêmico. Especialistas como Néri defendem que a contrapartida contemple ganhos educacionais efetivos - é o que ele chama de Bolsa Família 2.0. Com apoio da Fundação Getúlio Vargas e da equipe de Néri, o município do Rio de Janeiro desenhou um programa de geração de renda semelhante, mas com estímulos de aprendizagem aos jovens, denominado Família Carioca. Os alunos que atingirem um aproveitamento de 80% nos exames bimestrais habilitam suas famílias a receber um valor extra de R\$ 50,00 por aluno. O mesmo vale para aqueles que têm rendimento ainda insuficiente, mas apresentarem pelo menos 20% de melhora por bimestre. Para o pesquisador, os

professores já têm incentivos salariais vinculados ao desempenho escolar e a premiação é importante estímulo para os alunos. O Ideb do Rio, que era de 4,5, em 2005, chegou a 5,1, em 2009.

Segundo ele, para que a pobreza não se perpetue em um círculo vicioso, é preciso investir em educação infantil, uma área para a qual apenas recentemente as políticas públicas despertaram. "A chave para a pobreza está acima de tudo na faixa etária de 0 a 5 anos", acredita. Mas também há caminhos a serem trilhados nos ensinos fundamental e médio. Para Francisco Soares, a formação de turmas menores, a adoção de tempo integral, o acompanhamento extraclasse e as atividades de férias são algumas das políticas públicas que devem ser adotadas. "Tudo o que for feito será ainda mais barato que as repetências sucessivas e abandonos que vão criar jovens que não têm como se integrar produtivamente na vida de nossa sociedade", diz.

Âmbito federal

No Brasil, as redes de ensino público municipal e estadual funcionam com relativa autonomia. O MEC, como não gere redes (a não ser a das escolas técnicas federais), atua como indutor de políticas. No caso das

escolas com maiores dificuldades, a principal ação do Ministério se concretiza no Plano de Ações Articuladas (PAR), que libera recursos para projetos apresentados por municípios e estados. O programa trabalha com 28 mil escolas, que têm de fazer diagnóstico sobre as razões que explicam baixo rendimento, e o que elas propõem para melhorar. Depois da aprovação, a escola recebe recurso em sua conta bancária para que execute ações. Contudo, um dos problemas enfrentados é a precariedade dos projetos. No início do programa, 7 em 10 projetos eram recusados por inconsistência. Se há boa notícia, é que isso vem mudando. Hoje, apenas 1 é recusado. O MEC investiu R\$ 500 milhões nos últimos dois anos problema maior

Mas ainda há muito a ser feito, principalmente no sentido de transformar os recursos em políticas pedagógicas que de fato influam na aprendizagem dos alunos. Hoje, os esforços feitos pela escola são mais comuns naquelas que menos precisam, segundo dados dos questionários da Prova Brasil, sugerindo práticas que beiram o segregacionismo. Segundo os dados analisados por Farias, os programas de reforço escolar são 20% menos frequentes nas escolas de mais baixo estrato social do que nas demais instituições da rede pública. "É impressionante que isso aconteça, porque os dados permitem que os projetos sejam feitos mirando justamente as escolas com mais problemas", diz o pesquisador.